

NOTÍCIA

VIDA, METAFÍSICA E SOCIEDADE 1.ª JORNADA PORTUGUESA SOBRE GEORG SIMMEL

Joana Macedo Luís

(Doutoranda em Filosofia, FLUL)

A 1.ª Jornada Portuguesa sobre Georg Simmel, sob os auspícios do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, conseguiu despertar nos investigadores e no público presente o anseio de se vir a realizar uma 2.ª Jornada que eventualmente se poderia ramificar noutras iniciativas dedicadas ao estudo deste pensador formidável, mas tão pouco conhecido do público português. Quem sabe devido à língua alemã, devido à complexidade, ou talvez se deva dizer, à *simplicidade* e *profundidade* das palavras de um autor que acabaria por ficar um pouco à margem daquele percurso académico dos cursos de Filosofia. Porém, a versatilidade dos projectos deste Centro permitiu que se desenvolvessem linhas de investigação que privilegiavam os mais diversos autores, chegando agora a vez de Simmel ter o reconhecimento que lhe é devido. Graças aos meus antigos professores, Adriana Serrão e Artur Morão, contactei pela primeira vez com os textos e algumas traduções de Simmel, e pude notar de imediato o mundo vasto de temas e problemáticas que se nos abre logo nas primeiras páginas dos seus livros.

Essa mesma variedade esteve bem patente no programa do colóquio, desde a *Metafísica*, a *Filosofia da Vida*, a *experiência estética* (do ponto de vista da filosofia da arte, com o “retrato”, e da filosofia da natureza, com a “paisagem”), passando pela *Antropologia* e a *Sociologia*, dir-se-ia que ficámos com um breve esboço da enormidade e da abrangência deste filósofo tão fundamental para a compreensão da própria filosofia contemporânea. Neste sentido, qualquer uma das suas obras é actual pelas questões que vai levantando e torna-se coerente à luz da época em que vivemos. Não se trata de um pensador *démodé*, cheio de teias de aranha de um passado arcaico que já não nos diz respeito, mas a sua filosofia está verdadeiramente na *moda* – um tema que inclusive lhe interessou e que seria integrado na sua visão da Sociologia.

Todo o colóquio girou em torno de um pressuposto metafísico que foi exposto, comentado e discutido e que, de certeza, necessitaria ainda de uma revisão e de maiores esclarecimentos, ou seja, a *síntese* que Simmel realiza entre *subjectividade* e *objectividade*. Algo que nos demonstra, mais uma vez, a urgência de um estudo mais atento e pormenorizado desta matriz do seu Vitalismo, o que se entende por “subjectivo” e “objectivo” e de que maneira ele consegue “objectivizar o subjectivo” e “subjectivizar o objectivo”, um movimento que deixa de ser unilateral, quer seja do sujeito para o objecto (Idealismo) quer do objecto para o sujeito (Empirismo) e passará a movimentar-se num dinamismo de interacção. Simmel pretende afastar-se das unilateralidades e da polémica das polaridades que, ao longo da história da filosofia, foram travando um conflito sem uma resolução satisfatória. Mediante este pequeno detalhe, assenta a sua filosofia da vida e da imanência, e mesmo o seu pensamento sociológico irá basear-se neste binómio.

Na verdade, os seus escritos diletantes e a irreverência da sua personalidade tornam-no num homem de ambiguidades, ao mesmo tempo um *metafísico* e um *sociólogo*, o que dificulta a sua “catalogação” porque ele é “de tudo um pouco”. Recorda-nos o verso de Álvaro de Campos “sentir tudo de todas as maneiras”; ele possui um *pensamento da vida* e deseja englobá-la na sua totalidade e escapar às tentativas de atribuir somente uma perspectiva parcial da mesma.

– Por conseguinte, como ser metafísico e sociólogo em simultaneidade sem cair em confusão ou contradição? Basta entender o modo como o “subjectivo” e o “objectivo” se inter-relacionam numa ligação mútua.

Já que Simmel tinha também uma filosofia da *moda*, socorramo-nos então de uma questão recorrente no mundo da arte e da moda, o *design*. – O que é o *design*? De um modo geral, poderíamos defini-lo como a disciplina que estuda as relações da *forma-função*. E o que é a forma-função? Vemo-la diariamente quando, ao olharmos as coisas, observamos que a “forma” de um objecto representa bem a “função” para que está destinado, o que significa que um objecto do quotidiano tem um carácter utilitário e pragmático. Embora o sujeito que concebeu a forma a tenha criado conceptualmente, projectando-a num reino ideal, aplicou-a a um objecto e não faria sentido haver um conceito sem objecto correspondente, nem o objecto poderia existir sem desempenhar ou ser responsável por um determinado papel, uma função que lhe é atribuída pelo sujeito. Assim o objecto depende do sujeito, do *designer*, do arquitecto, do pintor e da actividade criativa que lhe deu origem, mas, por outro lado, a própria objectividade característica do objecto influencia a subjectividade pensante do homem. Claro que quando falamos de “forma do objecto” estamos a referir-nos ao “formato” e à maneira que está configurada para uma função específica, o seu molde. Em todo o caso, poderíamos estabele-

lecer o paralelismo entre a forma-formato e a forma-*morphé* (a essência do objecto), no sentido que sem “formato” o objecto seria amorfo, desconfigurado e desestruturado, tal como um ente sem a *morphé* não teria uma substância e uma essência. Semelhantes exemplos e reflexões aparecem nos ensaios *Ponte e Porta*, de 1909, e *A asa do jarro*, de 1911.

Um pouco no seguimento da filosofia de Kant, nas célebres expressões “conceitos sem intuições são vazios” e “intuições sem conceitos são cegas”. Aquela noção de que o mundo do objecto, o quotidiano, a Vida na sua força pulsátil e geradora de inúmeras formas, seria completamente anárquica, desorganizada, caótica no seu impulso obscuro, como nos diz Nietzsche, sem a presença de um princípio ideal harmonizador. A velha questão do *caos* e do *cosmos*..., e a necessidade de encontrar um princípio unificador que dê harmonia à realidade. Enquanto Kant dava prioridade ao sujeito sobre o objecto, cujo entendimento aplica os conceitos através de um *esquema* –, processo que denominou de *esquematismo* e que faria correr muita tinta, segundo diferentes interpretações de um tema considerado, por muitos, críptico –, Simmel coloca o sujeito em pé de igualdade com o objecto, não entroniza a capacidade racional do homem, sente que a razão não alcança a totalidade do real que a transborda e quebra os conceitos estáticos e petrificados. A filosofia ocidental maioritariamente substancialista valoriza a estabilidade das essências e da razão e parece que, de algum modo, teme a ideia de movimento e de mudança, do *devenir* da vida. Como entrecruzar esses dois planos, o da *eternidade* e o do *devenir*?

A *Tragédia da Cultura* ocidental é precisamente o facto de a nossa sociedade se ter cristalizado numa cultura de hábitos arraigados, pouco flexível à *metamorfose*. E o que se deixa cristalizar está morto, perde a seiva e a força propulsora que dispõe as coisas à evolução, perde o tal *vitalismo* que deve sempre ser preservado. Se contemplarmos o Ocidente, as obras de arte nos museus, as esculturas, os edifícios antigos, facilmente constatamos a importância do passado, da visão histórica da realidade e o modo como o presente se ergue a partir desse passado e é seu herdeiro. Nesta Jornada focou-se também o tema da *ruína* na Arquitectura; a beleza da natureza selvagem que insiste sempre em verdejar por toda parte encontra uma brecha nas ruínas por onde enlaça as suas lianas e liames que unem a velha *ruína* ao novo mundo vegetal. Daí que a Arquitectura encontre o seu correlato na *filosofia da paisagem*. Simmel dedicou uma série de ensaios ao tema da *cidade* e da *paisagem* – *Roma*, *Florença*, *Veneza* – naquela mistura do antigo, o decadente semi-destruído que é vitalizado e que adquire força para renascer com o surgimento de novos contornos, delineando uma nova *forma*, graças ao poder da Vida: o poder da “transgressão”, da transcendência de si mesma e o poder renovador de geração e autodestruição. A Vida que se supera continuamente cria uma

aura de mistério, uma sensação do sagrado que é inalcançável, que escapa à nossa compreensão e que nos deixa boquiabertos como lemos no texto sobre *Os Alpes*, o toque do transcendente com o plano imanente.

Apesar de a filosofia da Vida querer depor o decrépito e o que já está desactualizado, não desrespeita a origem, esse espírito de nostalgia das fundações, dos primeiros princípios e dos conceitos abstractos, mas procura estar receptiva às *formas viventes*, à semelhança da *intuição intelectual* em Schelling, busca os conceitos que estão vivos e em movimento. Mas como captar aquilo que está sempre em mudança, aquilo que é transitório?

Outra das questões principais do colóquio, e que levanta dificuldades, é a expressão *Stimmung* – a pedra-de-toque do pensamento de Simmel e que lhe dá essa possibilidade de fazer a junção da subjectividade com a objectividade, como referimos inicialmente, e de gerar uma *síntese* dos conteúdos *em fluxo* da vida – uma palavra quase intraduzível tal é a sua riqueza polissémica... Na filosofia da paisagem, *Stimmung* é o olhar que capta a paisagem como um retrato; a própria noção de paisagem já contém em si algo que foi absorvido, captado e unificado de um conjunto de características dispersas. Por isso, a paisagem torna-se individual numa visão pessoal e única, relativa a um sujeito e interdependente dele. Ao jeito da *intencionalidade* na fenomenologia, o mundo só é mundo se houver alguém que olhe para ele, pois exige um sujeito que o contemple e lhe dê um sentido, sentido esse que é plurívoco, repleto de vozes, experiências, traços de um pincel do artista... Não há um sentido fixo e único, vão-se abrindo caminhos numa aventura errante. “Captar a paisagem” transmite-nos o gosto pelas sensações efémeras que essa paisagem nos suscita, dado que essa a experiência nunca será duradoura e também nos foge a cada instante. *Stimmung* põe em actividade uma capacidade do homem, que lhe é inata, de entrar em *sintonia*, em *consonância*, em *harmonia* da parte com o todo envolvente. A palavra descreve-nos algo de psicológico, um estado de espírito ou um determinado humor, estudado inclusive no contexto da Psicologia, e algo de primitivo que nos remete para o substrato da natureza. O *eu* individual e subjectivo entra em comunhão com o mundo, realiza unificações e sínteses, retendo somente aquilo que lhe *tocou* e com o qual está sintonizado. Seria impossível reter tudo, logo, conserva-se somente numa experiência temporária o *essencial* de uma paisagem ou de um objecto. A ideia de Leibniz do “predicado inerente ao sujeito” exprime esta “pertença”, a ligação de *simpatia* que o homem estabelece com a paisagem, uma atracção amorosa e fascinante. Atende-se à singularidade das coisas, onde o predicado, em vez de ser acessório ou accidental, passa a ser típico do sujeito, descrevendo aquele indivíduo e não outro, algo único e inconfundível. Portanto, sujeito e objecto formam uma unidade. Provavelmente existe aqui uma referência

ao movimento psicológico-estético da *Gestalt*, segundo o qual o homem apreende os objectos numa visão global, não cria um somatório de partes, mas uma imagem do todo, do essencial. Na paisagem não se trata de um conjunto de casas ou árvores que adicionamos umas às outras. Pela *Stimmung* criamos o que, em pintura, se designa de *veduta*, uma perspectiva e uma impressão, espécie de visão panorâmica.

Stimmung coloca em relação o que está *dentro*, no domínio subjectivo do *eu*, e o que está *fora* na paisagem, no rosto do outro, no *estrangeiro*, o que está dentro e fora da sociedade e assim sucessivamente... Os diferentes tipos de relacionamento, a *filosofia da moda* e a *filosofia do dinheiro*, marcam processos de transição, de comércio e intercâmbio entre as pessoas, contribuem para uma rede de contacto, fazem surgir a *relação* que implica sempre uma dualidade, dois e não apenas um, o sujeito que sai de si próprio numa *Selbsttranszendenz*. Tal como Hegel aplica o modelo da visão dialéctica a toda a realidade, poderíamos afirmar que Simmel aplica o modelo da *subjectividade-objectividade*, do *dentro-fora*, do *interior-exterior*, da *parte-todo*, do *individual-social*, numa concepção unificadora de *síntese* muito para além da síntese kantiana.